

Índio fluminense é um eleitor esperto que não vota em branco

190

▽ M^a Cristina Siqueira

Água farta e matéria-prima para artesanato brotando da natureza. Estes foram os motivos que levaram 160 índios da nação Guaraní a se mudarem do Paraguai, que fica no Paraná, sul do País, para Angra dos Reis, região dos lagos do Estado do Rio. Isto aconteceu há cerca de três décadas, mas há cariocas e fluminenses que ainda se espantam ao ouvirem que há índios habitando terras deste Estado. No entanto, cá eles estão ocupando uma área de 700 hectares em Bracuí, Angra dos Reis, ou em Paraty, em área de posse duvidosa, que ainda não começou sequer a ser demarcada. Em Angra, apesar de município próspero e bem administrado, os guaranis amargam a falta de médicos e alimentos, e lutam contra as doenças que insistem em vitimar principalmente as crianças, que dos zero aos 14 anos correspondem a 50% daquela população. No ano passado, a comunidade registrou duas mortes por desnutrição e, para alcançar o posto médico mais próximo, ela caminha pelo menos sete quilômetros. Mas ainda assim os índios de Angra

apresentam razões para comemorar. Na semana passada eles estavam eufóricos com os resultados das eleições naquele município, que davam larga margem de vantagem ao candidato da situação, Lutz Sérgio Nóbrega, do Partido dos Trabalhadores. Sem rádio, televisão ou qualquer outro meio de comunicação, mandavam integrantes da comunidade à cidade para saber a inclinação das urnas angrenses e não escondiam a satisfação de saber que a administração do nissei Nairobi Nagai teria continuidade. "Nunca soube de prefeitura nenhuma ajudar índio como esta", comemorava o cacique João da Silva ou Warimir, 78 anos, líder da comunidade. Por isso, no 3 de outubro eles desceram a colina sem arcos ou flechas para fazer boca-de-urna, temerosos de que o candidato que apoiaram com unanimidade na guerra da cidade pela preferência dos eleitores não decolasse. Os guaranis deram 68 votos, todos masculinos, ao único petista do Interior fluminense que saiu vitorioso nas eleições para prefeito.

Hoje os guaranis mbyás de Angra dos Reis somam 274 índios em sua comunidade e a maior preocupação deles é em relação ao desfecho de uma novela que se estende por quatro longos anos e dois governos estaduais — o de Moreira Franco, do PMDB, e o de Leonel Brizola, do PDT.

Não adianta tentar mergulhar na curiosidade de sua cultura, que tentam preservar a todo custo. Os índios brasileiros, com suas vestes comuns, querem é falar da instabilidade que marca a terra que escolheram para ancorar e saber onde está o dinheiro que o Governo Federal depositou nos cofres do Estado, para que tivessem o título de posse definitivo das terras do Bracuí.

A verba, no valor de Cr\$ 29,401 milhões na época (foi em julho de 88 e hoje correspondem a Cr\$ 300 milhões), foi repassada através da Fundação Nacional do Índio a título de indenização do ex-ocupante da área, Benedito Azevedo da Silva, mas chegou à Procuradoria Geral do

Estado, segundo denuncia o cacique João, e de lá não mais saiu.

O pagamento da indenização é a condição para que os

guaranis ganhem o título definitivo das terras. Os índios acham que os governos estadual e federal estão "fazendo corpo mole" e não parecem interessados na

elucidação do caso. Por isto, criaram, à revelia da Funai, a Acibra — Associação Comunitária Indígena.

"Com a associação, vamos

driblar o burocratismo da Funai em negociar nossa questão", explica o presidente da entidade, Domingos Veliti, advertindo que a idéia da comunidade é acionar a Polícia Federal para assumir as rédeas do caso.

As terras de Bracuí começaram a ser demarcadas em 1988, no governo de Moreira Franco, mas 15% dos 700 hectares inicialmente previstos ainda estão em aberto. O que torna a preocupação dos guaranis daquela região legítima é o fato de ocuparem uma área cobrada pelos empreendedores do setor turístico e a vulnerabilidade dos governantes, ante às propostas muito tentadoras para que os índios saiam de lá.

A questão foi encaminhada, na semana passada, para a presidência da Funai, em Brasília, através do assessor Gilberto Azanha. Se não forem tomadas as providências que a comunidade considera necessárias, a promessa é de que agirão independente das instituições pelo direito às terras onde moram.

Fotos de Luiz Barros



Os guaranis vieram de longe em busca de água e matéria-prima para artesanato

A dura luta pela sobrevivência

Na batalha pela sobrevivência, os guaranis descem todos os dias à estrada para venderem seus artesanatos. Barakais, aguakás, guarapas e uans — ou chocalhos, cestos, arcos e flechas — que encantam os turistas, brasileiros ou não, ao longo da Rio-Santos, são os instrumentos que garantem, no dia-a-dia, a comida na fogueira.

"Os turistas desapareceram nos últimos tempos e não dá mais para comprar muita comida", reclama Oswaldo Francisco, 27 anos. Seus cestos de taquara (palha bastante dura), com preços variando de Cr\$ 25 mil a Cr\$ 10 mil, já não têm a mesma saída.

Descer à civilização para vender artesanato é trabalho, mas produzir as peças na comunidade não é. Trançar palha é uma atividade de

happy hours que se estende por todo o dia e une, em um mesmo círculo, mulheres, homens, crianças e velhos, desde que da mesma família. Marcelina ainda não tem dois anos, mas já inicia as primeiras voltas na taquara.

Nesta brincadeira, que se assemelha ao tricô ou ao crochê da chamada civilização, os índios guaranis garantem o sustento. A produção e o resultado das vendas são individuais, pois cada família faz e vende suas peças. Mas os guaranis não admitem que nenhuma delas passe privação.

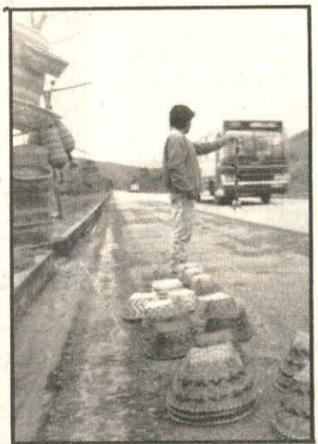
Por isso eles estão tentando adquirir uma farinha, para transformar o produto dos quatro alqueires que têm plantado com aipim, no alimento básico dos guaranis — a farinha. Eles providenciaram também a criação de animais de dupla ação, como galinhas e cabras. Eles dão leite, carne e ovos.

Há dois meses construíram, com ajuda da prefeitura, um açude onde criam tilápis e carpas. Estão aí, com o complemento (óleo e cereais) comprado com o dinheiro do artesanato, garantidas as duas refeições que fazem diariamente.

Os guaranis mbyás (guaranis puros) não vivem aglomerados. Eles distribuem suas ocas (casas) em grupos de três, por toda a reserva, e no mesmo local residem, basicamente, família-

res diretos. Com exceção da casa de rezas, todas as residências são de tronco de árvores, cobertas por folhas de quarcanga, semelhante às palmeiras.

A diferença que marca a casa de rezas é o fato de ela ser revestida com barro. Lá mora o cacique e sua família (mulher e filhos) e o acesso a estranhos é proibido. Nem mesmo o sertanista Rômulo Siqueira de Sá, funcionário da Funai para lá deslocado para "proteger" a comunidade, pode ingressar no templo religioso, onde todos os dias os índios se reúnem para rezar.



As crianças correspondem a 50% da população e são atacadas por doenças e pela desnutrição